

A Perspectiva Filosófica da Transposição Platônica no *Fedro*¹

James Arêas

A noção de transposição, tal como utilizada por Diès, fornece um precioso instrumento de pesquisa para a investigação do platonismo na medida em que revela, no interior mesmo do diálogo, uma série de pontos convergentes. Essas convergências dizem respeito, sobretudo, ao fato de que Platão, ao elaborar o seu sistema, recolhe diferentes elementos de distintas procedências e os organiza segundo os fins que lhes são próprios. O resultado obtido, ultrapassando em muito os elementos que o compõem, é inteiramente original.

Os diálogos platônicos exprimem a tensão entre a tradição do pensamento grego que ele retoma e as questões que a crise de seu próprio tempo não cessa de colocar. Da tensão e da crise parecem advir todo o trabalho de síntese e toda a aspiração de unidade que o seu pensamento implica.

A arte do reconhecimento e o jogo com o passado cujas ressonâncias é preciso ouvir, longe de representarem a denegação do presente e de seu próprio meio significam antes, o recuo necessário para nele intervir. A filosofia platônica procede sempre pela superposição dos planos do passado e do presente. A atitude crítica consiste nas sucessivas transposições que ali se operam, no modo particular de interrogar o passado e o presente e de fazê-los convergir igual-

mente para o centro móvel do sistema que elabora. Força centrípeta de atração, seu pensamento aspira, sobretudo, reintegrar em um todo superior, o passado e o presente.

Trata-se, para Platão, de introduzir um diferencial capaz de viabilizar, por um recuo e uma retomada crítica do passado, o confronto com a atualidade e a reestruturação do pensamento.

Reestruturar o pensamento quer dizer elaborar um discurso legitimamente fundado que seja o critério objetivo de avaliação, tanto das antigas concepções do mundo, quanto das teses que sustentam as atuais teorias.

A sabedoria antiga, cujos fundamentos se apoiam sobre a visão mágico-religiosa do mundo, se expressa no mito e nas filosofias pré-platônicas que pretendem descrever o universo da *physis*. O ponto distintivo de tal sabedoria é um dizer que se basta a si mesmo, sem justificativa ou demonstração.

Do mesmo modo, as teses da sofística e da retórica, contemporâneas de Platão, cujo relativismo invalida qualquer pretensão de um conhecimento objetivo e de um critério de avaliação do saber, se esgotam em um tecnicismo estéril e insidioso. A enunciação dogmática da verdade (*aletheia*) nos quadros da sabedoria arcaica foi substituída pelo relativismo

cético que está no fundo da atitude sofisticado-retórica.

Que a filosofia de Platão tome a forma de uma reconstrução positiva do saber e se transforme em um projeto de legitimação do conhecimento é bastante significativo. Sua filosofia é, também, e, sobretudo, uma denúncia. É a denúncia vigorosa dos modos de pensar e de agir de seu próprio tempo onde a decadência política da cidade, os antagonismos religiosos, a perversão dos costumes promovem a ruína do pensamento e estimulam a violência. A cidade explode em conflitos e rivalidades, a democracia fracassa e os cidadãos se debatem em defesa de seus interesses individuais. Astúcia, excesso e paixão.

A disparidade dos interesses se reflete nos esquemas de pensamento e desautoriza toda e qualquer pretensão ao universal e ao absoluto. Toda verdade é, agora, fatural, relativa e contingente, produto artificial das técnicas oratórias ou sofisticas.

A verdade, que outrora se confinava no interior dos templos e dependia do frêmito religioso de alguns para ser revelada, corresponde agora à prática do verossímil (*eikos*) e se simula por toda a parte à disposição de cada um. Dessacralizada, reduzida ao cálculo do possível e do provável, ela deixa de ser o privilégio de uma função para se tornar o programa de um ensino.

A tarefa do pensamento, que consiste para Platão em uma ruptura com o presente, toma a forma de um compromisso com o passado a partir do qual cumpre expiar as deformações e os desvios do presente. Esse compromisso não representa a mera reprodução do passado mas, significa antes, a possibilidade de fundar o radicalmente novo. O recurso ao passado se faz necessário tão somente em função da urgência de criar a novidade filosófica, científica e política que o presente reclama.

A novidade filosófica do platonismo consiste, sobretudo, na transposição con-

ceitual que opera sobre o conjunto de temas e noções que compõem o « conglomerado herdado ». Tomada enquanto um procedimento filosófico, a transposição, implica tanto uma reapropriação crítica do passado quanto uma problematização do presente. Passado e presente são, igualmente, transpostos.

O processo mesmo de transposição conceitual representa uma peça essencial do pensamento platônico, na medida em que incide sobre o conjunto das noções herdadas da antiguidade e das concepções expressas nas filosofias do seu tempo, revelando o esforço radical que empreende por sintetizar, em um corpo superior de conhecimentos, tanto a tradição religiosa e literária quanto a ciência e a filosofia de então.

Tipo particular de fraturagem e seleção é, ainda, esse mesmo processo que permite a Platão realizar a síntese das diferentes tendências do pensamento sem se perder em um ecletismo grosseiro. Ao confrontar as diferentes posições e distribuí-las em um plano comum de equivalência ele pode reconhecer, para além dos antagonismos, uma secreta solidariedade, a identidade, o ponto de vista superior que permite ultrapassá-las. Trata-se de superar a limitação própria a cada perspectiva em particular, que só visa um aspecto determinado da realidade, de encontrar a relação efetiva que une as partes ao todo.

A arte complexa do *Fedro*, cuja unidade desdobra (a erótica e a retórica) ressoa na diversidade dos temas ou motivos que o compõe (a divindade, os delírios, a alma, a psicagogia, o ensino oral e a escrita), faz confluír diferentes opiniões sobre diferentes assuntos, confronta crenças e valores a fim de restaurá-los. O trabalho mesmo de restauração crítica, que implica uma radical ruptura com os antigos quadros do pensamento, possibilita a problematização do presente. Exercício aberto de um pensar que se debruça reflexivamente sobre a atualida-

de, onde a crise se esboça como o produto do abandono voluntário e precipitado do passado, o *Fedro* é um diálogo-intervenção.

A intervenção platônica se efetua, segundo o plano do diálogo, em uma dupla direção : um recuo tático, ao aproximar sua filosofia das antigas formas da sabedoria grega pela análise dos modos de enunciação dos delírios divinos; um avanço definitivo, ao diferenciar seu pensamento das filosofias de seu tempo pela crítica das formas dos enunciados da retórica-sofística. A análise dos delírios divinos conduz à diferenciação do delírio erótico, delírio propriamente filosófico que se endereça à verdade. A crítica da retórica-sofística corresponde à formulação de uma retórica verdadeiramente filosófica cujo estatuto se funda no próprio método dialético.

O *Fedro* permite abordar a filosofia platônica pela relação passado-presente, surpreendo o processo de transposição que ela opera sobre o solo conceitual que lhe é oferecido; ele permite ilustrar o modo pelo qual esses elementos são filtrados, selecionados e se desembrasam de suas respectivas imagens. É retificando ou substituindo um vocabulário inadequado ou uma forma imperfeita que o pensamento de Platão se forma a si mesmo e se formula, obedecendo a leis próprias de formulação.

A transposição do erotismo, cuja função no *Fedro* é de fundamental importância para a compreensão da filosofia platônica, atesta a ruptura doutrinária que o delírio erótico filosoficamente transposto implica : a uma suposta glorificação dos delírios divinos opõe-se a base científica da teoria da alma, da visão inteligível e da reminiscência que respondem ao profundo intelectualismo platônico e fornecem a base para uma nova concepção da verdade. Substituição do dogma religioso pela exigência de demonstração racional, substituição da intuição do verdadeiro

pela pesquisa deliberada e metódica da verdade.

A transposição da retórica, de que todo o diálogo é a ilustração e o exemplo, se efetua em vários níveis que compreendem desde as condições a serem preenchidas por um discurso qualquer até a interrogação sobre os discursos produzidos pela retórica existente; desde sua função pedagógica até a exposição do modelo superior da retórica filosófica e da prática dialética.

A transposição total da retórica existente em retórica filosófica se realiza no *Fedro* pela exposição do método dialético. É a dialética enquanto fundamento do discurso filosófico que legitima toda pretensão pedagógica.

A discussão concernente à retórica filosófica anuncia o importante debate acerca das relações da palavra oral e da palavra escrita que é preparado ao longo de todo o diálogo e ao qual se consagra a última parte do *Fedro*.

A perversão da retórica transforma a escrita em técnica de simulação e converte a habilidade oratória em exploração verbal e persuasiva do verossímil. A palavra escrita, destituindo a paternidade do discurso, desfaz o compromisso do orador de referenciar sua fala à verdade. Essa linguagem sem pai, que só remete a si mesma, é um jogo de relativização dos enunciados que acaba relativizando a própria noção de verdade.

Desse modo, a problemática da passagem da tradição oral para a civilização da escrita corresponde, em seu nível mais profundo, à problemática mesma da verdade. O estatuto da verdade se transfigura e se perde em sua migração da enunciação para o enunciado.

À transmissão oral da verdade, que se efetua sob a perspectiva de um saber secreto de tipo esotérico que autorizava a fala inspirada, substitui-se, nos quadros da cidade, a prática sofista da ilusão redigida.

À palavra de verdade da antiga sabe-

doria inspirada, a filosofia platônica opõe o jogo dialogado e metódico que conduz à verdade da palavra; ao ceticismo verborrágico da sofística enquanto escrita sem verdade, a filosofia dos diálogos opõe a própria escrita da verdade.

Assim, julgamos conveniente proceder, ao longo da dissertação, a análise das formas da enunciação e a análise das formas dos enunciados, tendo em vista as respectivas transposições em enunciações e enunciados platônicos.

1 Tese de mestrado aprovada pelo Departamento de Filosofia da PUC-Rio.